



GT 77. Ritmos da Identidade: Música, Juventude e Identidade

Coordenador(es):

Carlos Benedito Rodrigues da Silva (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

João Batista de Jesus Felix (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Socialização e discussão de pesquisas concluídas ou em andamento, enfocando a música e ritmos como elementos de mobilização coletiva, e definição de linguagens e códigos de comunicação: enfoques sobre construção de performances e linguagens corporais entre grupos de juventude nas diversas regiões brasileiras ou mesmo em outros países, a partir das tendências rítmicas veiculadas pelos sistemas midiáticos. Estamos diante um fenômeno bastante interessante, pois, é cada vez maior as expressões artísticas, que eram assumidas como simplesmente formas de lazer, serem assumidas como formas de se expor posições políticas. A arte sempre foi vista como muito perigosa, principalmente pelos governos autoritários, mas ela era entendida como uma extensão, uma maneira a mais dos órgãos especializados em políticas (Partidos Políticos principalmente) tinham para demonstrar suas posições. Atualmente existem vários trabalhos acadêmicos que procuram demonstrar que a música, a dança, o cinema, o teatro, têm uma grande autonomia política. Nossa intenção, com instituição deste GT, é dar espaço para conhecermos pesquisas desenvolvidas em todo o território nacional ou estrangeiros, sobre formas de se construir identidades através da música, da dança e do lazer.

A presença feminina nas batalhas de passinho: Discutindo gênero nas culturas juvenis

Autoria: Milena Matias Fonseca (UFPB - Universidade Federal da Paraíba), Prof. Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira

Este artigo é um fragmento da minha pesquisa de dissertação de mestrado que está em andamento (fase inicial). O tema é resultante de um tópico da pesquisa sobre as batalhas de passinho que se iniciaram em João Pessoa-PB em 2019. Essas batalhas acontecem em alguns bairros da cidade uma vez por semana. Em meados de 2019 surgiu a primeira batalha no bairro de Mangabeira 7, hoje existem batalhas por, pelo menos, cinco bairros da capital. As batalhas basicamente são duelos de dança individuais ou em duplas onde se demonstram coreografias para o público presente e os participantes são aplaudidos após a apresentação. O Brega Funk é a música através da qual se originou a dança que nasceu nas periferias de Recife-PE e que foi batizada como ?passinho dos malokas?, tornando-se uma das referências da juventude, não só do Recife, mas em outros estados. Desde seu início o Brega Funk tem uma forte presença masculina, são muitos MCs e dançarinos que se destacam em suas produções. Porém essa presença deixa de ser hegemônica quando as MCs e meninas que dançam o passinho ocupam os espaços da cena do Brega Funk. As batalhas de passinho acontecem geralmente em espaços públicos, com a participação de um público jovem, incluindo crianças. As batalhas são um momento onde se pode analisar várias questões para além da música em si. As práticas realizadas em torno da música revelam um movimento em que a juventude se articula em prol de construir alternativas de aproveitamento do seu tempo livre. Dançar tornar-se uma forma lazer e entretenimento para as juventudes de bairros periféricos. Nas batalhas de passinho em João Pessoa há uma forte participação de meninas duelando, assim muitas questões surgem sobre como as meninas se posicionam neste contexto que é muito apontado socialmente como um ambiente onde as mulheres são desrespeitadas nas letras das músicas que se referem à elas de forma sexualizada com coreografias sensuais e objetificadoras do corpo feminino. Mediante o exposto o momento atual da pesquisa está sendo observar as batalhas e, através de narrativas das interlocutoras, compreender como as meninas se colocam nesse espaço e qual o significado para elas de estarem participando desse movimento. Assim, a análise da participação das meninas nas



batalhas permitirá abrir possibilidades de discussões sobre esse movimento que é recente em João Pessoa e endossa a importância da atuação feminina nas culturas juvenis.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: